

## Terapia Ocupacional, pluralidades e infâncias: o brincar como atividade significativa de crianças ao sul de Moçambique

### Occupational therapy, pluralities and childhoods: play as a significant activity of children from southern Mozambique

Marina Di Napoli Pastore<sup>1,2\*</sup> 

<sup>1</sup>Instituto Superior de Ciências de Saúde, Maputo, Moçambique;

<sup>2</sup>UFSCar - Universidade Federal de São Carlos, Brasil.

\*Autor correspondente/Corresponding author: [marinan.pastore@gmail.com](mailto:marinan.pastore@gmail.com)

Recebido/Received: 10-08-2021; Revisto/Revised: 09-09-2021; Aceite/Accepted: 17-09-2021

#### Resumo

**Introdução:** Os estudos recentes sobre crianças e infâncias no cenário mundial têm apontado para um entendimento das crianças como seres socioculturais e agentes ativos nas produções do mundo que as rodeia, encontrando no brincar possibilidades de releituras de mundos e de ações a partir de perspectivas socioculturais. Este trabalho apresenta uma pesquisa longitudinal realizada em Moçambique, com crianças dos três aos quinze anos de idade, em que a discussão sobre o brincar e a relação com a terapia ocupacional se coloca presente. **Objetivo:** Compreender o brincar como atividade significativa das crianças e o papel do terapeuta ocupacional enquanto pesquisador. **Material e Métodos:** Etnografia com pesquisa de campo em Moçambique, na comunidade da Matola A, na comunidade de Mabotine e em Nhandlovo, entre os anos de 2014 e 2018. **Resultados:** A partir dos dados levantados e analisados, os principais pontos trabalhados envolveram: o brincar e a construção dos brinquedos a partir de material de desuso (descarte); o brincar e a relação com a natureza e as paisagens; imagens do brincar e o uso da fotografia. Os resultados apontam para um caleidoscópio de diversidades e linguagens utilizadas pelas crianças no brincar, compreendido como forma de estar no mundo e a partir de suas relações espaço-temporais. **Conclusão:** Esta pesquisa contribui para os estudos com crianças e infâncias em terapia ocupacional nos países lusófonos e não somente, englobando a criança ao seus modos de vida e contextos históricos e amplia possibilidades de ações e pesquisa em contextos e perspectivas socioculturais.

**Palavras-chave:** crianças, Moçambique, perspectiva sociocultural, estudos das infâncias, Terapia Ocupacional na infância.

#### Abstract

**Introduction:** Recent studies on children and childhood on the world stage have pointed to an understanding of children as sociocultural beings and active agents in the productions of the world around them, allowing for the rereading of worlds and actions from sociocultural perspectives, especially with respect to play. This paper presents longitudinal research conducted in Mozambique with children from three to fifteen years of age, in which a discussion about playing and its relationship with occupational therapy is presented. **Objective:** The goal of this study was to understand playing as a significant activity of children, as well as understanding the role of occupational therapists as researchers. **Material and Methods:** We utilized ethnography with field research in Mozambique in the communities of Matola A, Mabotine and Nhandlovo between 2014 and 2018. **Results:** The data collected and analysed in this study involved children playing and building toys from disuse material (discard), playing and its relationship with nature and landscapes, images of play and the use of photography. The results point to a kaleidoscope of diversity and languages used by children in play, which is understood as a way of being both in the world and from their space-time relationships. **Conclusion:** This research contributes to studies of children and childhood in occupational therapy, covering children in their lifestyles and historical contexts, and expands the possibilities of actions and research in sociocultural contexts and perspectives.

**Keywords:** children, Mozambique, sociocultural perspective, childhood studies, occupational therapy in childhood.

## 1. INTRODUÇÃO

As últimas décadas têm sido de intensa produção nas áreas dos estudos das infâncias, nas mais diversas disciplinas, na interface entre elas e enfaticamente na terapia ocupacional. Ao buscarmos a criança como ator social, protagonista de sua história e parte integrante da produção do mundo que as rodeia, possibilitamos a abertura para um debate em que a criança pode ser considerada como agente dos seus processos e sobre sua participação nos seus processos terapêuticos e, assim, de vida (Tisdall, Punch, 2012; Punch, 2019; Sen, 2019).

Pesquisadores têm buscado dar visibilidade às crianças e às infâncias num âmbito social e cultural, refutando, para tanto, as visões biologicistas e/ou desenvolvimentistas que as têm concebido no decorrer das décadas, principalmente no que se refere às políticas públicas e práticas biomédicas, em que a concepção de infância invariavelmente é posta em jogo baseada numa infância "normal", ou seja, numa concepção única de infância.

Ao entender a cultura e a relação sócio-histórica como parte da realidade que conforma uma sociedade, e que isso vem revestido de uma lógica particular, na qual há um sistema simbólico que é acionado pelos atores sociais, passa-se a compreender a cultura como modos de estar conectado com os homens e a natureza, em que pode ser vista como resultante mais ou menos conscientizada das relações políticas e econômicas, e das relações entre homens e natureza e entre outros homens (Cabral, 2007).

A discussão sobre a cultura e os aspectos socioculturais nas práticas e ações na terapia ocupacional também tem avançado ao longo dos anos, a partir de princípios e declarações oficiais da Federação Mundial de Terapeutas Ocupacionais (World Federation of Occupational Therapists – WFOT), em que se destacam, entre outros, a diversidade e a cultura e os direitos humanos.

A WFOT (2010) reforça a necessidade de respeito aos valores, crenças e diversidade cultural, em consonância com aspectos sociais, psicológicos, biológicos, econômicos, políticos e espirituais de cada indivíduo e sua participação social (WFOT, 2010). Como desafio, a organização enfatiza a atuação nesses diferentes contextos culturais e propõe estratégias para o trabalho nos papéis da vida diária, desempenho ocupacional e atividades na comunidade, além da incorporação desses princípios na prática profissional, na educação e na pesquisa (WFOT, 2010).

Nas questões da infância, ainda temos, na terapia ocupacional, ações e pesquisas que têm se voltado às práticas desenvolvimentistas e de normalidade ou patologias, sem que recorram, na maior parte dos estudos, às abordagens socioculturais. É preciso que avancemos, dentro da área, os debates, pesquisas e estudos sobre as infâncias, alteridades e suas culturas, entendendo as ações e relações constituídas por elas enquanto parte das culturas infantis, num processo construído por meio da partilha e da ação coletiva, que possua significado e não seja alienante, e que possamos ser capazes de abordar as crianças e suas práticas em si mesmas.

A abertura para o diálogo com outras disciplinas e a construção de uma linha teórico-metodológica de ações que conversem com as abordagens e temáticas atuais das infâncias

## 1. INTRODUCTION

The last decades have seen intense production in the area of childhood studies in diverse and intersecting disciplines, particularly in the field of occupational therapy. By seeing the child as a social actor, the protagonist of his story and an integral part of producing the world that surrounds him, we posit that children can be considered to be agents of their processes and allow for their participation in their therapeutic processes and, thus, their lives (Tisdall, Punch, 2012; Punch, 2019; Sen, 2019).

Researchers have sought to give visibility to children and childhood in a social and cultural context, thereby refuting the biological and developmental views that society has used to view them over the decades, especially with regard to public policies and biomedical practices, in which a conception of childhood is invariably put into play that is based on a "normal" childhood, that is, in a unique conception of childhood.

By viewing culture and sociohistorical relationships as part of the reality that forms a society by means of a particular logic, in which there is a symbolic system that is triggered by social actors, one begins to understand culture as a way of being connected with people and nature through political and economic relations, including relations between people and nature and relations among other people (Cabral, 2007).

A discussion regarding the sociocultural aspects of occupational therapy has also advanced over the years based on the principles and official statements of the World Federation of Occupational Therapists (WFOT), in which diversity, culture and human rights, among other issues, stand out.

WFOT (2010) reinforces the need to respect cultural values, beliefs and diversity, in a way that is consistent with the social, psychological, biological, economic, political and spiritual aspects of each individual and their social participation (WFOT, 2010). As a challenge, the organization emphasizes performance in these different cultural contexts, and it has proposed strategies for daily living, occupational performance and being active in the community, as well as ways to incorporate these principles in professional practice, education and research (WFOT, 2010).

With respect to childhood issues, occupational therapy still relies on actions and research that are focused on developmental practices and normality or pathologies, without using, in most studies, sociocultural approaches. It is necessary to advance debates, research and studies about childhood, otherness and cultures in the field of occupational therapy so that we may better understand the actions and relationships constituted by children as a part of their own cultures; this should be advanced through a process constructed from sharing and collective action that has meaning and is not alienating. We also must be able to approach children and their practices in themselves.

An openness to dialogue with other disciplines and the construction of a theoretical-methodological line of action that enables us to talk about the current approaches to and themes of childhood has become imperative given the current moment in occupational therapy both in Brazilian and abroad.

In the broader context of academic research, this research establishes a perspective that decenters technical knowledge and otherness and encourages openness to new forms of

se torna imperativo no momento atual em que a terapia ocupacional, brasileira e internacional, se encontra.

No contexto da pesquisa acadêmica, esta pesquisa estabelece um olhar para o descentramento do saber técnico, de alteridade e de abertura para novas formas de atuação, ressaltando a pluralidade e as perspectivas de diversidade socioculturais, enfaticamente sob a perspectiva do brincar.

Este trabalho buscou responder o questionamento sobre a pluralidade de infâncias e crianças existentes a partir da diversidade sociocultural, em que o brincar é atividade significativa e traçar um paralelo com as ações da terapia ocupacional no território.

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia que guiou a produção de dados e teoria, com uma discussão sobre reflexividade do terapeuta ocupacional em campo foi a etnografia. Tal metodologia foi escolhida ao compreender que, se tratando de conhecer outras realidades da qual a pesquisadora não faz parte, a imersão no campo e no cotidiano era imprescindível para compreender as manifestações do ser criança e suas atividades contextualizadas em suas realidades.

Alguns terapeutas ocupacionais têm utilizado essa metodologia em suas pesquisas e em ações práticas ao compreender que permitem o encontro com pessoas e diversos grupos numa relação com seus espaços de pertencimentos (Galvani *et al*, 2016). Ao assumir essa perspectiva, a terapia ocupacional compreende o caráter político e sociocultural que suas práticas estão inseridas e busca relações assentadas na cooperação, dialogia e horizontalidade. É um fazer com o outro, numa busca de “desconstrução da hierarquia da produção do conhecimento” (Galvani *et al*, 2016).

Grosfoguel (2019) defende que “os diálogos e alianças sul-sul são importantes hoje mais do que nunca. Não se pode conceber uma mudança civilizatória sem contar com atores políticos aliados do mundo africano, asiático, latino-americano e do sul dentro do norte”. Portanto, pensar as crianças moçambicanas em seus contextos, a partir das suas formas de brincar e, assim, produzir saberes e cultura é decolonizar o pensamento, as teorias e as formas de agir com elas, produzindo conhecimentos e práticas em diálogo com autores do sul, principalmente os do continente africano, da qual a etnografia e os métodos associados foram fundamentais nesta pesquisa.

Ao entender a cultura e a relação sócio-histórica como parte da realidade que conforma uma sociedade, e que isso vem revestido de uma lógica particular, na qual há um sistema simbólico que é acionado pelos atores sociais, passa-se a compreender a cultura como modos de estar conectado com os homens e a natureza, em que pode ser vista como resultante mais ou menos conscientizada das relações políticas e econômicas, e das relações entre homens e natureza e entre outros homens (Cabral, 2007). Frantz Fanon reflete sobre a importância da cultura, aberta e espontânea, como “sistemas de referência de determinado grupo social, a partir dos seus valores culturais, linguagem, vestuário, técnicas, etc.” (Fanon, 1980).

Ao trazer o cultural para o cerne dos discursos, coloca-se um ponto sobre sentidos e significados que dão lugar às

action, emphasizing plurality and the different perspectives of sociocultural diversity from the perspective of play.

This study sought to explore the plurality of existing childhood and children from a perspective of sociocultural diversity, where play is a significant activity, and to draw a parallel to the actions of occupational therapy within that territory.

## 2. MATERIAL AND METHODS

We used ethnography to guide our data production, theory, and a discussion about the reflexivity of the occupational therapist in the field. This methodology was chosen because children participate in other realities of which the researcher is not a part, thus immersion in the field and in daily life is essential to understanding the dynamics of being a child and the activities that they contextualize in their realities.

Some occupational therapists have used this methodology in their research and in practical actions to understand people and different groups in relation to their spaces of belonging (Galvani *et al*, 2016). By assuming this perspective, occupational therapy understands the political and sociocultural character of the spaces in which its practices are inserted and seeks to establish relationships based on cooperation, dialogue and horizontality. It is a doing with the other, in a search for “deconstruction of the hierarchy of the production of knowledge” (Galvani *et al*, 2016: 864).

Grosfoguel (2019) argues that “south-south dialogues and alliances are important today more than ever. One cannot conceive of a civilizational change without having political actors allied from the African, Asian, Latin American and Southern worlds within the north.” Therefore, thinking about Mozambican children in their own context – in their ways of playing and, thus, producing knowledge and culture – is to decolonize thought, theories and ways of acting along with them, producing both knowledge and practice in dialogue with southern authors, especially those from the African continent, of which ethnography and its associated methods were fundamental to this research.

By understanding culture and sociohistorical relationships as part of the reality that forms a society and knowing that this is guided by a particular logic, in which there is a symbolic system that is triggered by social actors, one can begin to understand culture as a way of being connected with people and nature, and that this is a result of political and economic relations, relations between people and nature and relations among other people (Cabral, 2007). Frantz Fanon reflects on the importance of open and spontaneous culture as “reference systems of a particular social group, based on their cultural values, language, clothing, techniques, etc.” (Fanon, 1980).

By bringing culture into the heart of this discourse, emphasis is placed on dynamics that give rise to experiences and existences. Through beliefs and customs, values, symbols and meanings, the spaces of life are reproduced in gestures, relationships and routine activities. They are reflected in the world of alienation, in the space of the banal, in routine and in mediocrity, in social existence, in the social microworld and in a space of resistance and transformative possibility (Carvalho, 2005). In the case of children, to look at childhood through the

experiências e existências, com crenças e costumes, valores, símbolos e significados, em que os espaços da vida vão se reproduzindo nos gestos, nas relações e nas atividades rotineiras; no mundo da alienação; no espaço do banal, na rotina e na mediocridade; mas também na existência social, no micromundo social e em um espaço de resistência e de possibilidade transformadora (Carvalho, 2005). No caso das crianças, olhar para as infâncias pelo viés da cultura é perceber, também, as relações que estabelecem entre si e as formas de ações sociais que constroem na vida cotidiana, em espaços-tempos contextualizados (Borba, 2007).

Pelos expostos acima, a etnografia foi a metodologia em que esta pesquisa se ancorou. A pesquisa de campo, desenvolvida durante os anos de 2014 a 2018, de maneira longitudinal, abrangeu três principais períodos de coleta de dados: seis meses durante os anos de 2014, 2017 e 2018, nas comunidades de Mabotine (área urbana da capital de Maputo), Matola A (área periurbana da cidade da Matola) e em Nhandlovo (área rural na cidade de Massinga, em Inhambane), com crianças com idades entre 3 e 17 anos. Os critérios de inclusão das crianças no estudo se deu a partir do diálogo e da vontade delas em participar. Aquelas que tiveram uma negativa por parte dos pais e responsáveis, ficaram de fora da pesquisa. Em toda a pesquisa, o desejo e cuidado ético com as crianças e as comunidades foi levado em consideração.

Os locais onde a pesquisa etnográfica ocorreu permearam os espaços em que as crianças estavam, principalmente os da comunidade, como as ruas, os quintais, os espaços "secretos", o rio, as casas, as escolas, entre outros considerados significativos para elas. Junto com a etnografia, outros métodos foram também empregados, na busca de um maior entendimento sobre o brincar: fotografia, desenho, vídeo, entrevistas não estruturadas, entrevistas semiestruturadas e conversas informais.

Os dados foram produzidos em coautoria com as crianças, em diversas formas: reprodução de cenas cotidianas e discussões sobre o que viviam; produção de desenhos com temáticas que elas mesmas sugeriam; gravação de vídeos e entrevistas abertas; produção de imagens e fotografias; observação e participação nos momentos do brincar. A análise dos dados foi feita por meio de análise temática, nos seguintes temas: ser criança em Moçambique; construção de brinquedos; brincar e ambientes; imagens do brincar.

A partir dos dados levantados e analisados, quatro principais pontos foram trabalhados: a ideia de ser criança pela perspectiva das próprias crianças e dos adultos; o brincar e a construção dos brinquedos a partir de material de desuso (descarte); o brincar e a relação com a natureza e as paisagens; imagens do brincar e o uso da fotografia. Neste trabalho, a discussão apresentada segue a linha do brincar e as relações entre infâncias e a terapia ocupacional.

### 3. RESULTADOS

A metodologia recorreu a diferentes instrumentos de construção de dados e estratégias narrativas e de análises, valorizando vozes e olhares para compor não apenas esta tese, mas, também, um modo de escrita e imagética plurivocais (Canevacci, 2013). A principal fonte decorre do trabalho

bias of culture is also to perceive the relationships that children establish with each other and the forms of social actions that they build in everyday life in contextualized spaces-times (Borba, 2007).

As shown above, ethnography was the methodology in which this research was anchored. The field research developed from 2014 to 2018 and longitudinally covered three main periods of data collection, composed of six months during 2014, 2017 and 2018 in the communities of Mabotine (urban area of the capital of Maputo), Matola A (periurban area of Matola city) and Nhandlovo (rural area in the city of Massinga, in Inhambane) using children aged 3 to 17 years. The inclusion criteria for the study were based on dialogue and the children's willingness to participate. Those whose parents or guardians had a negative reaction were excluded from the research. Throughout the research, consideration was taken for the ethical care of children and communities.

The places where the ethnographic research took place permeated the spaces where the children were, especially those in the community, such as the streets, the backyards, the "secret" spaces, the river, the houses, and the schools, among other spaces considered significant by the children. Along with ethnography, other methods were also used to search for a greater understanding of play, including photography, drawing, video, unstructured interviews, semistructured interviews and informal conversations.

The data were produced in coauthorship with the children in several forms, including the reproduction of everyday scenes and discussions about how they lived, the production of thematic drawings that they themselves suggested, the recording videos and open interviews, the production of images and photographs, and observation and participation in moments of play. Data analysis was performed through thematic analysis in the following themes: being a child in Mozambique, building toys, playing and environments, and playing images.

Based on the data collected and analysed, four main points were developed: the idea of being a child from the perspective of the children themselves as well as from that of adults; playing and the construction of toys from disused material (disposal); playing and the relationship with nature and landscapes; and images of play and the use of photography. In this paper, the discussion presented follows the line of play and the relationships between childhood and occupational therapy.

### 3. RESULTS

The methodology uses different means of data construction and narrative and analytical strategies, which values voices and looks to produce not only this thesis but also a plurivocal writing and imagery mode (Canevacci, 2013). The main source stems from ethnographic work, combined with readings, seminars, discussions and suggestions of various dialogues throughout years of study.

Qualitatively, the data produced included 5,238 photos, 90 drawings, 32 poems, and 9 field notebooks with a record of the moments experienced, totalling 1530 transcribed pages, 22 interviews, and 40 videos. The analysis process, as previously stated, was theme analysis, which prioritizes the children's

etnográfico, mas aliada a leituras, seminários, discussões e sugestões de diversas interlocuções ao longo dos anos de estudo.

De maneira qualitativa, os dados produzidos foram: 5.238 fotos; 90 desenhos; 32 poemas; 9 cadernos de campo com registro dos momentos vivenciados, num total de 1530 páginas transcritas; 22 entrevistas; 40 vídeos. O processo de análise, como dito anteriormente, foi feita a partir de análise de temáticas, priorizando a voz e os olhares das crianças nas produções e escrita.

A partir de múltiplas e diversas vozes, presenças, olhares e experiências, os modos de ser criança nos espaços onde o estudo correu (Pastore, 2020) trouxe para a pesquisa diversas possibilidades de experiências reais que, junto com as definições do Governo de Moçambique e dos órgãos que trabalham com as crianças, vão formando exemplos do que é ser criança desde o sul de Moçambique.

As crianças foram apontando, contando e demonstrando todas as atividades que realizavam e que consideravam fazer parte desse ser criança. Eram elas: o ajudar em casa e as responsabilidades que tinham, como cuidar da barraca ou do seu irmão mais novo; a circulação das crianças pelas ruas do bairro e da comunidade, num entendimento de que, assim, ficavam conhecidas e conhecendo os lugares; às idas à escola e o papel da instituição no dia a dia das crianças; o crescer e os limites entre ser criança e não ser mais; e, por fim, a afirmação de que "todos nós somos crianças", em que as crianças participantes deste estudo, dos 3 aos 17 anos, colocam que não importa a idade, mas que são crianças por morarem na casa de seus pais, avós, tios ou responsáveis, por terem tarefas e responsabilidades, por estudarem, por se cuidarem e, mais importante, por brincarem. Gina, de 8 anos, era uma das que dizia "vou brincar para sempre, aí vou ser sempre criança. Mas quando eu for mais grande, assim, adulto, não vou deixar de brincar" (2014).

O brincar apareceu em todos os itens destacados pelas crianças, fosse de maneira direta ou indireta, fosse no entre tarefas ou enquanto atividade principal; os adultos trouxeram, em suas falas, o quanto o brincar era uma "atividade essencial da criança, importante em sua formação e para que pudessem crescer livres" (Caderno de Campo, 2014; Caderno de Campo, 2017).

Houve uma compreensão de que o brincar era mote da imaginação e da liberdade das crianças, construindo formas de existir nas quais as crianças possibilitavam diversas formas de fazê-lo. Um destes exemplos se deu na construção dos brinquedos pelas próprias crianças, a partir dos materiais disponíveis em seus ambientes: sacos plásticos e restos de tecido que se transformavam em chingufu – bola -; plástico e caniços que, no modelar do corpo, com o uso das mãos e pernas, viravam papagaios – pipa -; restos de madeiras que, com pregos encontrados no caminho, viravam instrumentos musicais, enquanto canções eram entoadas ou mesmo inventadas, misturadas com o riso, ritmos e as observações; caixas que, contando histórias e se tornando maquetes, davam outra vida à comunidade. Era no fazer e no criar, enquanto um saber que as crianças iam adquirindo em relação, que seus brinquedos eram criados. É aquilo que Ingold (2014) nomeou

voices and presentation in productions and writing.

From multiple and diverse voices, presences, looks and experiences, the ways of being a child in the spaces where the study took place (Pastore, 2020) infused the research through real experiences that, together with the definitions of the Government of Mozambique and the agencies that work with children, are being used to form examples of what it is like to be a child in the south of Mozambique.

The children pointed, counted and demonstrated all the activities they performed and considered to be part of being a child. They were helping at home and tending to the responsibilities they had, such as taking care of the tent or a younger brother. The children moved through the streets of the neighbourhood and the community, thus they became known and began to know the places. Schooling and the role of the institution play an important part in the day-to-day lives of children. The children experienced growing and the boundaries between being a child and not being more. Finally, there was the statement that "we are all children", in which the children participating in this study, from 3 to 17 years old, stated that their age did not matter, but that they are children because they live in the homes of their parents, grandparents, uncles or guardians and have tasks and responsibilities, such as studying, taking care of themselves and, more importantly, playing. Gina, 8 years old, was one of those who said, "I'm going to play forever, then I'm always going to be a kid. However, when I'm older, so, adult, I will not stop playing" (2014).

Playing appeared in all items highlighted by the children, whether directly or indirectly, between tasks or as the main activity. The adults relayed how much playing was an "essential activity of the child, important in their formation and so that they could grow free" (Field Notebook 2014; Field Notebook, 2017).

There was an understanding that playing was the motto of children's imagination and freedom, building ways of existing in which children created various potential ways of playing. One example of this understanding occurred in the construction of toys by the children themselves from the materials available in their environments, including plastic bags and remnants of fabric that were turned into a chingufu, or a ball; plastic and reeds that, in using the hands and legs to model a body, were turned into parrots, or a kite; wood that, with nails found along the way, were turned into musical instruments to play songs that were intimated or even invented, mixed with laughter, rhythms and observations; and boxes that, through telling stories and becoming maquettes, gave another life to the community. It was in doing and creating, while the children acquired material and negotiated one another, that their toys were created. This is what Ingold (2014) called "education by attention", in which children learned through the transmission of knowledge and intelligence.

The moment of creation was also a moment of encounter and relationship, especially the relationship between children, between peers, between the younger and the oldest and between the children and the objects and materials available to them. The construction of toys also allowed for relationships between children of different ages and a continuity of care that went beyond the moments in which the children performed their tasks, perpetuated in the broadest sense, even without

como “educação pela atenção”, na qual as crianças aprendiam na transmissão de saberes e inteligências.

O momento da criação era também do encontro e da relação. Relação entre as crianças, entre pares, entre os mais novos e os mais velhos e entre as crianças e os objetos e materiais ali disponíveis: o construir dos brinquedos permitia, também, a relação entre as crianças de diferentes idades e a continuidade de um cuidado que ia para além dos momentos em que realizavam suas tarefas, mas que perpetuava nos sentidos mais amplos, mesmo sem adultos por perto ou sem estarem em momentos voltados a responder a alguma responsabilidade, como em seus afazeres domésticos, por exemplo (Pastore, 2020).

Outro momento de destaque era no brincar em meio às paisagens e em relação com a natureza, principalmente na área de Nhandlovo. Em muitos momentos, o brincar dependia do tempo: se estivesse sol demais, se chovesse demais, se ventasse demais. Mas entre tantos “se”, as crianças iam achando jeitos e modos de explorar os locais e as paisagens. Dentro da terapia ocupacional, é importante pensarmos construção de espaços fechados do brincar, cada vez mais comuns não apenas nessa área, mas com quem trabalha com crianças, e o regramento do brincar “livre” a partir de lugares e materiais determinados, em que acabamos cerceando os conhecimentos das crianças e a vontade de explorar e descobrir lugares, modos de brincar, de criar, de imaginar. Talvez pudéssemos pensar em brincar livre mais livres, em contato com a natureza e não apenas com ambientes que se dizem naturais.

Dentre uma das cenas presenciadas durante a observação participante, Captino (5 anos), Omilton (8 anos), Daimo (9 anos) e Cris (8 anos) recriaram uma luta entre as principais forças para a Luta de Libertação de Moçambique contra o Governo Português, retomando pontos históricos sobre aquele período. Ao refletir que a brincadeira englobou não apenas o fazer do brinquedo – da arma e da flecha –, mas toda uma questão socio-histórica, há uma concepção importante: não era apenas com os materiais descartados que as crianças criavam brinquedos, num entendimento de reutilização e sustentabilidade, mas também na interação com a natureza e com o que era ofertado por ela: sombras, galhos, folhas, frutos... O arco atirava alguma coisa? Não, ele não atirava nada, mas lançava o menino na vivência do guerreiro (Meirelles, 2014).

Quais sabedorias os meninos, entre a faixa etária dos 5 aos 9 anos, tinham e adquiriam? O que aprenderam na escola, em casa, e reproduziam nas brincadeiras? Segundo os meninos “Assim lutavam na época da guerra. Já ouviste falar da guerra? Durou muitos anos. Mas agora já não tem mais. Agora brincamos assim” (Caderno de Campo, 2018). As crianças, ao brincar, retornam a fatos importantes e englobam história, geografia, biologia e diversas outras disciplinas num brincar apropriado, territorializado, em relação.

Foi no contato com a árvore, sombra e galhos que o arco e flecha surgiu, numa íntima relação também com a história das guerras no país, o que aflorava a imaginação. Sobre essa questão, abordaremos mais adiante. Retomando a questão do brincar e natureza, era sempre ao pé de alguma árvore que as crianças, principalmente os meninos, estavam criando.

Dois dos principais pontos trazidos recentemente nos

adults around and, at times, without being focused on responding to some responsibility, such as household duties (Pastore, 2020).

Another moment of note was observed in children playing in the middle of the landscapes and in relation to nature, especially in the Nhandlovo area. Often, playing depended on the time, dependant on whether it was too sunny, if it rained too much, or it was too windy. However, among so many “ifs”, the children found ways to explore the places and landscapes. Within occupational therapy, it is important to think about the construction of closed spaces of play, which are increasingly common not only in this area but also with those who work with children, and the rule of “free” play involving certain places and materials, or else we risk limiting the knowledge of children and their desire to explore and discover places and ways of playing, of creating, and of imagining. Perhaps we could think of free play more broadly, in contact with nature and not just with environments that claim to be natural.

Dentrand, from one of the scenes witnessed during the participant observation, Captino (5 years), Omilton (8 years), Daimo (9 years) and Cris (8 years) recreated a fight between the main forces for the Struggle of Liberation of Mozambique against the Portuguese Government, recreating historical points about that period. Reflecting that the play encompassed not only the making of toys – the gun and the arrow – but also a whole sociohistorical issue, we come to an important point: it was not only with the discarded materials that the children created toys, but, in an understanding of reuse and sustainability, it was also in the interaction with nature and what was offered by it: shadows, branches, leaves, fruits... Did the bow throw anything? No, he did not throw anything, but he threw the boy into the warrior’s experience (Meirelles, 2014).

What wisdom did the boys, between the ages of 5 to 9 years, have and acquire? What did they learn at school or at home that they reproduced in games? According to the boys, “So they fought at the time of the war. Have you ever heard of the war? It lasted many years. However, now there is no more. Now we play like this” (Filed Notebook, 2018). Children, when playing, return to important facts and encompass history, geography, biology and various disciplines in an appropriate territorialized play in relation.

It was in contact with the tree, shadow and branches that the bow and arrow arose, as well as in intimate relation to the history of wars in the country, which surfaced the children’s imaginations. This issue will be discussed later. Regarding the issue of play and nature, it was always at the foot of some tree that the children, especially the boys, were creating.

Two of the main points recently advanced in childhood studies are, first, to be used to children’s voices and participate in their activities to understand what children do, their actions and their way of dealing with the most diverse situations and pluralities and, second, the contextualization of their ways of life to be able to trace an epistemology according to their realities. However, what is it, after all, to give children a voice? Consistent with these statements and in an attempt to answer this question, photographs are used as research results, and they begin to encompass the imagination of children at the time of play.

estudos das infâncias são: atentar-se à voz das crianças e a sua participação, no intuito de compreender aquilo que as crianças fazem, suas ações e seus modos de lidar com as mais diversas situações e pluralidades, e a contextualização de seus modos de vida, a fim de poder traçar uma epistemologia de acordo com suas realidades. Mas o que é, afinal, dar voz às crianças? Na mesma direção destes enunciados, e numa tentativa de responder a esta questão, as fotografias passam a englobar o imaginário das crianças no momento do brincar e como resultados de pesquisa.

As paisagens, pensadas enquanto imagens, trouxeram cenas para e do brincar, ampliando uma discussão sobre o uso da foto enquanto dado primário de pesquisa, questionando também o uso da escrita e das traduções que muitas vezes encontram barreiras linguísticas em seu caminho, ou mesmo pelas interpretações que são produzidas, e enquanto possibilidade de pesquisa e metodologia para a terapia ocupacional com crianças.

Por meio de seus olhares, ações e modos de compreender o brincar e os momentos das brincadeiras, em seus mais diversos espaços e relações, as crianças percorrem diferentes cenários e qualidades, mostrando as sutilezas e inteligências presentes no brincar, que perpassa por momentos de criação, imaginação, ação e concretude. Pelos seus próprios gestos e olhares, as crianças captaram o que era significativo e vivo, trazendo o brincar e suas interfaces nas imagens fotográficas.

Dentre aquilo que eles criam, há também o que se transforma, reforma, ganha outras vidas. No brincar, o que vale é a imaginação rolar, a criatividade permear, a experiência estar presente e a liberdade em ultrapassar barreiras, sejam elas fixas ou impostas... E é também no criar e no brincar que o perigo que marca os objetos, como facões, água ou fogo, se mistura com experiências e aprendizagens, nas quais as crianças vão vivenciando, na construção e na imaginação, as transformações do dia a dia (Pastore, 2020)... E a nós, terapeutas ocupacionais, vale refletir sobre o que esses dados trazem não apenas como discussão, mas como fazer e práxis em nossas ações.

#### 4. DISCUSSÃO

Ao pensar o descentramento de perspectivas teóricas sobre a infância, alicerçadas em estudos eurocentrados e normativos, busco delinear a existência de diferentes modos de ser criança. Isto se fez a partir de estudo etnográfico multisituado (Marcus, 1995) de longa duração, pautado em referenciais que percorrem a experiência e entendimentos apreendidos dialogicamente. Esta pesquisa assume, portanto, a necessidade de reconhecimento da pluralidade presente no campo da infância com seus universos possíveis.

Nesse sentido, parece pertinente referirmos a pluralidades de infâncias, apontando para a coexistência de diferentes mundos, ou universos. O presente estudo empresta o conceito de pluriverso, desenvolvido por Canevacci (2005), ao tratar de culturas juvenis, questionando que "não existe uma visão unitária e global das culturas juvenis que seja passível de resumir a um número, a um código ou a uma receita" (Canevacci, 2005). As infâncias e os modos de ser criança apontam para a coexistência de pluriversos - de lógicas, linguagens e racionalidades -, criando caleidoscópios de compreensões.

The landscapes, thought of as images, brought scenes to and from play, broadening a discussion about the use of photography as primary research data, and also questioning the use of writing and translations that often encounter linguistic barriers, or even vary by the interpretations that are produced, as a possibility of research and methodology for occupational therapy with children.

Through their looks, actions and ways of understanding play and the moments of play, in their most diverse spaces and relationships, children walk through different scenarios and qualities, displaying the subtleties and intelligences present in play, which permeate moments of creation, imagination, action and concreteness. By their own gestures and looks, the children captured what was meaningful and alive, bringing play and its interfaces to photographic images.

Among what they create, there is also what is transformed, reformed, and gains other lives. In play, what is worthwhile is for the imagination to roll, creativity to permeate, and experience to be present along with the freedom to overcome barriers, whether fixed or imposed. In addition, it is also in the creating and playing that danger that marks certain objects, such as machetes, water or fire, mixes with experiences and learning in the children's construction and imagination and transforms everyday life (Pastore, 2020). In addition, as occupational therapists, it is worth reflecting on what these data bring not only to a discussion but also to or practice and our actions.

#### 4. DISCUSSION

When thinking about the descent of theoretical perspectives on childhood that are based on Eurocentric and normative studies, we seek to outline the existence of various ways of being a child. This was done from a long-term multisited ethnographic study (Marcus, 1995) based on references that run through dialogically seized experience and understandings. This research therefore assumes the need to recognize the plurality present in the field of childhood and its possible universes.

In this sense, it seems pertinent to refer to the pluralities of childhood, pointing to the coexistence of different worlds or universes. This study borrows the concept of the pluriverse, developed by Canevacci (2005), which posits that in dealing with juvenile cultures, one must understand that "there is no unitary and global view of juvenile cultures that can be summarized to a number, a code or a recipe" (Canevacci, 2005). Childhood and ways of being a child point to the coexistence of a pluriverse – of logics, languages and rationalities – that creates kaleidoscopes of understandings. This concept refers to the recognition that there are different constructions of childhoods and possibilities for being a child in the Mozambican experience.

As Barros (2004) observed, "in the action it is necessary that the technician knows how to resize his own knowledge, to know how to move through reactions of social and cultural alterities". In occupational therapy, we also have an insufficient amount of work stemming from the perspective of sociocultural diversity and considering children in non-Western, nonurban contexts. We also have an insufficient amount of work that considers children as social actors and culture producers, as there is a bias towards considering that knowledge is produced through

O conceito remete ao reconhecimento de que existem, ou coabitam, também na experiência moçambicana, diferentes construções de infâncias e possibilidades para o ser criança.

Como observou Barros (2004), "na ação é preciso que o técnico saiba redimensionar o próprio saber, saiba transitar em reações de alteridades sociais e culturais". Na terapia ocupacional, temos ainda uma quantidade insuficiente de trabalhos que se direcionam pela perspectiva da diversidade sociocultural, bem como com crianças em contextos não-ocidentais, não-urbanos, e que as tenham enquanto atores sociais e produtoras de cultura, num viés em que os saberes são produzidos no encontro e nas relações.

Ao assumir as crianças moçambicanas como produtoras de culturas e colaboradoras ativas deste processo, inscrevo uma ética relacional de valorização da criança, de seus valores e de suas expectativas, na qual a relação dialógica, ancorada na teoria freiriana, permite a construção de conhecimento dentro de relações horizontais entre as pessoas nele implicadas (Freire, 1987), em que realizado uma constante busca no pesquisar e traduzir, na e para a prática, entrelaçando a relação entre a terapia ocupacional e com os estudos das crianças.

Ao entendermos que as crianças produzem leituras a partir dos materiais concretos, recriando realidades abstratas em suas criatividades e ações e construindo materiais outros, conseguiríamos produzir um brincar voltado a uma visão libertária e emancipatória, voltado à independência (ou interdependência) e autonomia dos sujeitos como tem se proposto a Terapia Ocupacional? Quando abordamos o brincar dentro da terapia ocupacional, de qual objetivo e finalidade tratamos? (Pastore, 2020)

Não se trata de conceber o terapeuta ocupacional como aquele que estabelece programas de ação do alto de seu conhecimento técnico, pois existem desconhecimentos mútuos que precisam diminuir para que se definam programas de ação em terapia ocupacional. É imperativo estabelecer um diálogo, isso significa que terapeuta ocupacional e usuário precisam aprender. Cada pessoa, cada grupo social/comunidade a seu modo, juntos com outros, precisam descobrir as dimensões e possibilidades da realidade. Nesse processo se valoriza o saber de todos. A técnica é composta por tecnologias historicamente e culturalmente definidas. Na ação é preciso que o técnico saiba redimensionar o próprio saber, saiba transitar em relações de alteridades sociais e culturais (Barros, 2004: 6).

Se refizermos uma leitura do brincar enquanto uma atividade da criança, enraizada em contextos e histórias socioculturais, e realizarmos uma passagem do brinquedo como uma construção infantil, pensando nos sentidos do brincar, atentamos para o debate da noção de atividades, no qual o lúdico e a brincadeira não precisam estar associado ao campo só da infância, mas também aos pluriversos infantis. Pensar o brinquedo como conceito de atividade nos faz refletir sobre a dimensão sociopolítica cultural e afetiva da brincadeira e o papel dela nos grupos e nas comunidades com as quais trabalhamos (Pastore, 2020).

## 5. CONCLUSÕES

A abertura para o diálogo com outras disciplinas e a construção de uma linha teórico-metodológica de ações que

encounters and in relationships.

By assuming Mozambican children as producers of cultures and active collaborators in this process, we ascribe to a relational ethics of valuing the child, their values and their expectations, in which the dialogical relationship, anchored in Freirian theory, allows for the construction of knowledge within horizontal relationships between the people involved in it (Freire, 1987). A constant search was carried out in research, translation and practice, intertwining the relationship between occupational therapy and children's studies.

By understanding that children produce readings from concrete materials, recreating abstract realities in their creativity and actions and building other materials, could we produce a play focused on a libertarian and emancipatory vision aimed at independence (or interdependence) and autonomy of subjects, as occupational therapy has proposed? When we approach playing within occupational therapy, what purpose and purpose do we deal with? (Pastore, 2020)

It is not a question of conceiving the occupational therapist as one who establishes action programs from the top of his technical knowledge because there is mutual knowledge that needs to decrease to define action programs in occupational therapy. It is imperative to establish a dialogue, which means that occupational therapists and users need to learn. Each person, each social group/community in its own way, together with others, needs to discover the dimensions and possibilities of reality. In this process, everyone's knowledge is valued. The technique is composed of historically and culturally defined technologies. In the action, it is necessary that the technician knows how to resize his own knowledge and how to move in relationships of social and cultural alterities (Barros, 2004: 6).

If we reenvision play as an activity of the child, rooted in contexts and sociocultural histories, and consider the toy as a child's construction, thinking about the meanings of play, we uncover a debate concerning the notion of activities, in which play does not need to be associated with childhood alone but may also be associated with children's pluriverses. Thinking about the toy as a concept of activity makes us reflect on the sociopolitical, cultural and affective dimensions of play and its role in the groups and communities with which we work (Pastore, 2020).

## 5. CONCLUSIONS

An openness to dialogue with other disciplines and the construction of a theoretical-methodological line of action that enables us to talk about the current approaches to and themes of childhood has become imperative given the current moment in occupational therapy, both in Brazil and abroad.

Additionally, in occupational therapy – as a field – different identities need to coexist. Barros and collaborators (2007) point out that "the cohabitation of identities is here the refusal of flattening to discourse and single thought" and that, if "we accept such reading, we will be agreeing that there is also a requirement for the occupational therapist to be able to work on problems that arise from the paradoxes of a society marked by inequalities" (Barros *et al.*, 2007).

When we think about the activities and resources



conversem com as abordagens e temáticas atuais das infâncias se torna imperativo no momento atual em que a terapia ocupacional, brasileira e internacional, se encontra.

Também, na terapia ocupacional – enquanto campo –, diferentes identidades necessitam co-existir. Barros e colaboradores (2007) colocam que “a co-habitação de identidades é aqui a recusa do achatamento ao discurso e ao pensamento único” sendo que, se “aceitarmos tal leitura, estaremos concordando que existe também para o terapeuta ocupacional a exigência de habilitar-se para trabalhar problemáticas que surgem dos paradoxos de uma sociedade marcada pelas desigualdades” (Barros *et al.*, 2007).

Quando pautamos a discussão sobre os modos como tem sido pensadas as atividades e os recursos, do qual tem se utilizado o brinquedo, a contraposição é de pensar uma oferta de construção de possibilidades outras, a partir daquilo que é disponível não apenas no momento do encontro, mas na vida: cotidiana, nas relações sustentáveis e num pensar a ecologia das brincadeiras, enquanto criar brinquedos é um refazer, remontar e, assim, recriar possibilidades e potencialidades.

Se olharmos as crianças e suas próprias vidas por um viés da cultura, passamos a olhar também nossas práticas e ações sob um ângulo político, em que as atividades passam a não ser mais o suporte dessa relação, mas mediação de mundos e possibilidades comuns. “Criar, inventar, é afirmar que essas criações estão seguramente no registro das condições de um chegar à cidade, mas também, da nossa vontade de experimentar no espaço público novas modalidades, novos gêneros de vida em comum” (Ghihard, 2011).

#### AGRADECIMENTOS

A todas as crianças moçambicanas, com quem venho criando, construindo e compartilhando sonhos, vivências e teorias. Aos colegas do ISCISA pelo apoio constante.

#### FINANCIAMENTO

CAPES

#### REFERÊNCIAS/REFERENCES

- Barros DD. Terapia ocupacional social: o caminho se faz ao caminhar. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, **15**: 90-97, 2004.
- Barros DD, Almeida MC, Vecchia T. Terapia ocupacional social: diversidade, cultura e saber técnico. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, **18**: 128-134, 2007.
- Borba AM. As culturas da infância nos espaços-tempos do brincar: estratégias de participação e construção da ordem social em um grupo de crianças de 4-6 anos. *Momento Diálogo em Educação*, **18**: 35-50, 2007.
- Cabral I. Digerir o passado: rituais de purificação e reintegração social de crianças – soldado no sul de Moçambique. *Antropologia Portuguesa*, v. 22/23: 133-156, 2007.
- Canevacci M. Culturas extremas – mutações juvenis nos corpos das Metrópoles. São Paulo: DP&A. 2ª edição, 2005.
- Canevacci M. Sincrétika: Explorações etnográficas sobre artes contemporâneas. Tradução Helena Coimbra Meneghelo. São Paulo: Studio Nobel, 2013.
- Carvalho RD. Lavra. Poesia reunida 1970/2000. Lisboa: Cotovia, 2005.
- Fanon F. Em Defesa da Revolução Africana. Tradução Isabel Pascoal. Portugal: Sá da Costa, 1980.

from which the toy has been used, we can pivot to think of the construction of other possibilities in life. Every day, in sustainable relationships and in thinking about the ecology of games, possibilities unfold; while creating toys is a redo, they can be reassembled and thus recreate new possibilities and potentialities.

If we look at children and their own lives through a cultural bias, we also begin to look at our own practices and actions from a political angle, in which activities are no longer in support of this relationship but rather serve to mediate common worlds and possibilities. "To create, to invent, is to affirm that these creations are certainly in the record of the conditions of reaching the city but also of our willingness to experience new modalities, new genres of life in common in public space" (Ghihard, 2011).

#### NOTES

Thanks to all Mozambican children, with whom I have been creating, building and sharing dreams, experiences and theories. Thanks also to colleagues of ISCISA for their constant support.

#### FINANCING

CAPES

#### AUTHORSHIP CONTRIBUTIONS

Conceptualisation – Paulo Alves, Ana Panzo and Fernandes Manuel; Methodology – Paulo Alves, Ana Panzo; Software – Paulo Alves; Validation – Paulo Alves; Formal analysis – Paulo Alves, Ana Panzo; Research – Paulo Alves, Ana Panzo and Fernandes Manuel; Resources – Paulo Alves, Ana Panzo and Fernandes Manuel; Data curation – Paulo Alves, Ana Panzo and Fernandes Manuel; Editorial staff – Paulo Alves, Ana Panzo and Fernandes Manuel; Writing (proofreading and editing) – Paulo Alves; Visualisation – Paulo Alves; Supervision – Paulo Alves; Project coordination – Paulo Alves and Ana Panzo; Obtaining – Paulo Alves/A. All authors read and agreed with the published version of the manuscript.

- Freire P. Pedagogia do Oprimido. 39. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.
- Galvani D; Barros, D.D.; Pastore, M.N; Sato, M. Exercícios etnográficos como atividades em espaço público: Terapia Ocupacional Social no fazer da arte, da cultura e da política. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, v. **24**: 859-868 Disponível em: <http://doi.editoracubo.com.br/10.4322/0104-4931.ctoARF1004>. Consultado 30-06-2021,2016.
- Ghirardi MIG. Percursos de pesquisa e estratégias de ensino no campo da assistência em terapia ocupacional. *Revista de Terapia Ocupacional da USP* v. **22**: 216-20. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v22i3p216-220>. Acesso em: 7 jan. 2020, 2011.
- Grosfoguel R. Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada. In: Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. Bernardino-Costa J, Maldonado-Torres N, Grosfoguel R (Orgs).. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 55-78: 2019..
- Marcus GE. Ethnography in/off the World System: The Emergence of MultiSited Ethnography, *Annual Review of Anthropology*, **24**: 95-117, 1995.
- Meirelles R. Carrinho de boi: Oficinas do brincar: as mãos e os desejos, olhares do território do brincar. Territórios do brincar, Blog, 18 mar. 2014. Disponível em: <https://territoriodobrincar.com.br/biblioteca-cat/olhares-brasil/carrinho-de-boi/>, consultado em 30-05-2021.
- Pastore MN. Brincar-brinquedo, criar-fazendo: entrelaçando pluriversos de infâncias e crianças desde o sul de Moçambique. Tese (Doutorado). Programa de Pós Graduação em Terapia Ocupacional. Universidade de São Carlos. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/12307>. Consultado em 05-06-2021,2020.
- Punch S. Exploring children's agency across majority and minority world contexts. In: Esser F. et al. Reconceptualising Agency and Childhood: *New perspectives in Childhood Studies*. London: Routledge, 183-196: 2019
- Tisdall EKM, Punch S. Exploring children and young people's relationships across majority and minority worlds. *Children's Geographies*, v.**10**: 241-248, 2012.
- World Federation Of Occupational Therapists. Position Statements. *Diversity and Culture*. Disponível em: <https://www.wfot.org/resources/diversity-and-culture>. Consultado em 05-06-2021, 2010